



## Jazz em Ouro Preto

Ótima a programação do 3º Tudo é jazz, que vai de amanhã a sábado. Começando pelas damas: Jane Monheit e Patricia Barber devem atrair públicos diferentes, pela lógica natural de cada estilo. A primeira é uma cantora mais técnica; a segunda, mais conceitual, digamos assim. Jane Monheit é lady sofisticada, gosta de música brasileira, já gravou com Ivan Lins e deve mostrar algo neste sentido. O extraordinário no trabalho de Patricia Barber são as letras. Ela manda ver na poesia, cita Cummings, Verlaine, Goya, Hopper e dá uma moldura *bluesy* ao lance, com boas sonoridades e composição nem tanto. Difícil conseguir o que Cole Porter, por exemplo, conseguia: letra e música de primeira.

Um festival com a presença de Hermeto Pascoal já valeu. E ainda tem sua banda, um dos maiores grupos de música instrumental da Via Láctea – prestem atenção nos “novos” Vinícius Dorin (sax) e André Marques (piano). A propósito: ledô engano achar que a música

Um festival com a presença de Hermeto Pascoal já valeu. E ainda tem sua banda, um dos maiores grupos de música instrumental da Via Láctea

instrumental, em suas múltiplas formas, não tem público. Só em Minas ocorrem quatro ou cinco festivais todo ano.

Além de Hermeto, o festival traz o grande César Camargo Mariano, ao lado do violonista Romero Lubambo. E mais: o rock-jazz da Orchestra Morphine, o saxofonista Steve Coleman, o pianista Fernando Moura, os sopros do Hornheads (colaboradores de Prince, Aretha, James Brown etc.), e o veterâníssimo cantor Jon Hendricks.

Local: Centro de Artes e Convenções da UFOP, em Ouro Preto.

VERA GODOY



**Hermeto Pascoal é uma das atrações do festival**

## Disco de cabeceira

Pelo menos por uma semana: *Miles in the Sky*. Disco de 1968, uma safra excepcional, em que Miles Davis tinha a seu lado Wayne Shorter, Herbie Hancock, Tony Williams e Ron Carter.

*Grooves* funkeados, temas de melodia abstrata e harmonia nada óbvia, concepção jazzística na execução. Hancock, a pedido de Miles, ao piano elétrico em uma faixa, pela primeira vez. Tony Williams livre, dialogando com os solistas. Miles e Wayne improvisando como poetas-pintores. Participação de George Benson. Obra com um pé no *fusion* e outro ainda no jazz.

Uma estranha combinação de dança com profundidade musical. Arte moderna com competente torção dos parâmetros, como em Pablo Picasso, uma reconhecida admiração de Miles, que também gostava de pintar. Sem cair no abstracionismo do free jazz, como John Coltrane havia caído.

Hancock no auge de sua maestria, assim como Shorter, que vinha se tornando “O Compositor”. Em 1969, o primeiro gravaria com Milton Nascimento. Anos depois, seria a vez de Wayne.

O leigo em pintura consegue, hoje, admirar Picasso, Matisse, Miró. Muitos apreciadores de jazz não alcançam o Miles de 1967 em diante.

Pertencem a esta safra, entre outros, os ótimos *Nefertiti*, *Water Babies* e *Filles de Kilimanjaro*. Logo depois teríamos *In a Silent Way* e *Bitches Brew*, de 1969. É a consumação da fusão jazz-rock.

## Outro cânone

No dia em que José Ramos Tinhorão e Júlio Medaglia, em suas freqüentes considerações sobre a música popular brasileira, compreenderem a importância de Milton Nascimento, poderemos finalmente confiar em seus conhecimentos musicais.

Eles e outros comentaristas passam e repassam os capítulos da mesma maneira: tradição, bossa nova, tropicalismo.

Vejam só, nem os entendidos conseguem acompanhar Miles ou Milton. Vamos falar claro: depois da bossa nova, o cara é Milton. Entendam isso e podem falar o que quiserem, inclusive que a canção, o disco ou a MPB morreram.